

QUESTÃO DE CLASSE (SOCIAL): O PROLETARIADO DE MARX SEGUNDO SÉRGIO LESSA

Kleber Garcia Teixeira*

Resumo: Em *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*, Sérgio Lessa argumenta que “proletariado” em Marx refere-se somente aos trabalhadores que transformam os elementos da natureza em valores de uso, o “conteúdo material da riqueza”; desta forma exclui da classe do proletariado todos os assalariados externos ao trabalho manual na produção, assim como o trabalho intelectual do *trabalhador coletivo*. Este artigo discutirá esta interpretação de Marx, opondo a seu ponto de vista, uma abordagem histórico-crítica da categoria classe social.

Palavras-chaves: trabalho; proletariado; classe operária.

Abstract: In *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*, Sérgio Lessa argue that the “proletariat” in Marx refers to only the workers who transforms the elements of nature in Use-values, “the substance of all wealth”; thus excludes from the class of proletariat all of wage-earners outside the manual work of production, as well as the intellectual work from the *collective labourer*. This article will discuss this interpretation of Marx, opposing to its point of view a historical-critical approach to the category of social class.

Keywords: work; proletariat; working-class.

APRESENTAÇÃO

Procurarei demonstrar neste escrito que Marx toma por critério para definir as classes sociais, o movimento histórico dos indivíduos que as compõem – o seu agir enquanto sujeitos históricos: “Os homens fazem sua própria história”, diz esse. Mas, entretanto, “não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado”.¹ Assim, sustentarei, também, que são as condições de vida, de existência, que determinam o “ser” da classe, ou a *classe-em-si*; que condições comuns de vida, proporcionam interesses em comum e em oposição aos interesses de outras classes. No momento em que estes interesses em oposição ganham dimensão política, é que temos, então, a *classe-para-si*.

Assim, o ponto central deste artigo será a *categoria de classe social* em Marx. Contudo, subordinarei sua análise à abordagem crítica da interpretação de *O Capital*

* Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília. Bolsista CAPES. Email: klebergt@gmail.com

¹ MARX, Karl. “O 18 Brimário de Luís Bonaparte”. In: *Karl Marx e Friedrich Engels: Textos*. Vol. III, São Paulo: Alfa-Omega, s/d, p. 203.

proposta por Sérgio Lessa, em seu *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*.² Nesse, seu autor defende certas teses de como devem ser compreendidas as principais categorias marxianas. Procurarei apresentar o mais fiel e sinteticamente possível estas teses e a partir delas esboçar algumas observações críticas. Por fim, estarei ainda desenvolvendo outra forma possível de tomar Marx de uma perspectiva mais historicizada.

O “PROLETARIADO” DE MARX SEGUNDO LESSA

Trabalho e proletariado sustenta-se metodologicamente sobre uma “leitura imanente” do Livro I de *O Capital* de Marx. Por leitura imanente entende seu autor, a leitura que cede prioridade a obra, adotando “o procedimento pelo qual o próprio texto se converte em ‘caso’”.³ Tomar para leitura imanente, tão somente o Livro I de *O Capital*, descartando, por exemplo, os seus outros dois livros, justifica Lessa afirmando que apenas este “deve ser o referencial principal da leitura e interpretação de todos os outros”; mesmo porque, no “caso de haver discrepâncias ou diferenças entre estes e o Livro I”, prossegue este, “a prioridade exegética cabe a este último, pois a versão final saiu diretamente de seu autor, o qual, ainda, não julgava estarem prontos para publicação os materiais dos Livros II e III”.⁴

Justificada sua metodologia, Lessa sustentará seu ponto de vista sobre as classes sociais, a partir da centralidade “ontológica” do trabalho, ou seja, da dedução filosófica e científica da fundação do ser social, do “mundo dos homens”, a partir do trabalho. No Livro I de *O Capital*, este encontra esta centralidade do trabalho em Marx, sobretudo, quando a partir do capítulo V (“O processo de trabalho e processo de valorização”), esse conceitua:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participa o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza... Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza.⁵

² LESSA, Sérgio. *Trabalho e Proletariado no Capitalismo Contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007.

³ *Ibidem*, p. 17 e 16.

⁴ *Ibidem*, p. 25.

⁵ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. 18ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001, p. 211.

É esta centralidade da categoria trabalho em Marx, que permitirá a Lessa estabelecer seu critério para definição das classes sociais.

O que distingue o trabalho de todas as outras formas ilimitadas e possíveis de *práxis* humanas? O que é trabalho, e o que *não* é trabalho? Da citação de Marx temos que o trabalho é a atividade pela qual o homem “impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza”, e isto com a finalidade de “apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana”. Se certa atividade produz a transformação dos elementos da natureza em coisas úteis e necessárias à vida material do homem, então esta é trabalho; caso contrário, quando não produz estes bens úteis a partir do “intercâmbio material com natureza”, como, por exemplo, a *práxis* do professor ou do assistente social, dirá Lessa, *não* é trabalho.⁶

Se o trabalhador, ao transformar a natureza, “trabalha”, então, esse cumpre a função social de produzir valores de uso, o “conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social dela”,⁷ então deduz o autor, também daí, que somente o trabalho manual pode ser considerado efetivamente trabalho. Resumindo seu raciocínio: quem cumpre esta função de produzir a riqueza material a partir de seu *trabalho manual* é, portanto, membro da classe proletária; faz parte do *proletariado*. Para Lessa, o proletariado em Marx é sinônimo de *operariado*: trabalhadores manuais do campo ou da cidade.

Desta forma Lessa coloca um assento decisivo na importância da produção material, realizando uma revalorização de todos aqueles trabalhadores que, com o suor de seus corpos, e com a força de suas mãos, produzem o “conteúdo material da riqueza”, residindo nisso o maior mérito de sua obra. Mas, por outro lado, cai num dilema historicamente decisivo para esta classe (a velha classe operária): em termos relativos, o número de trabalhadores na produção (agricultura e indústria) tem caído constantemente em função do grande desenvolvimento da produtividade do trabalho.⁸

⁶ Os exemplos não são aleatórios. Lessa reserva, em *Trabalho e proletariado*, um capítulo para criticar Marilda Yamamoto, “que propõe ser trabalho o Serviço Social” (LESSA, Sérgio. op. cit., p. 89), e outro a Demerval Saviani, que identifica trabalho e educação. Há ainda um outro capítulo dedicado a Antunes e sua “classe-que-vive-do-trabalho”.

⁷ MARX, Karl. op. cit., 2001, p. 58.

⁸ A OIT estima para 2007 que, do total da população mundial empregada, 42,7% estão no setor de serviços, 22,4% na indústria e 34,9% na agricultura. Para as economias desenvolvidas/União Européia estas porcentagens são, respectivamente: 71,5% (!), 24,5% e 3,9%. Ver: OIT, Organização Internacional do Trabalho,

No raciocínio desenvolvido por Lessa, existem, pois, *proletários*, os trabalhadores manuais (operários), e *assalariados* (como professores e assistentes sociais) que, por não transformarem os elementos da natureza em coisas úteis, não pertencem ao proletariado. Mas, desta forma, se os assalariados não participam da produção material, então seria de se supor que estes não sejam *trabalhadores produtivos*. Desta armadilha conceitual Lessa não é vítima. Trabalho produtivo *não* pode ser confundido, em *O Capital*, por trabalho *na* produção. Não se trata do trabalho produtivo do ponto de vista da produção material, como insistiam os economistas políticos do tempo de Marx, mas do ponto de vista da valorização do capital. Diz Marx: “Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital”.⁹

Antes de prosseguirmos, porém, cabe aqui uma observação sobre as diferentes traduções desta passagem. Optei acima pela edição em português da Abril Cultural. Na edição da Civilização Brasileira – que é a que mais utilizo por questão de comodidade – a mesma passagem segue desta forma: “Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista, servindo assim à auto-expansão do capital”.¹⁰ Nela o conectivo “ou” é suprimido, assim como na edição em Inglês: “That labourer alone is productive, who produces surplus-value for the capitalist, and thus works for the self-expansion of capital”.¹¹ De fato, em alemão temos: “Nur der Arbeiter ist produktiv, der Mehrwert für den Kapitalisten produziert oder zur Selbstverwertung des Kapitals dient” (“Apenas é produtivo o trabalhador que mais-valia produz ao capitalista, ou serve a autovalorização do capital”)¹² onde o conectivo “ou” (*oder*) está presente. Também na edição em espanhol este é mantido: “Solo es productivo el obrero que produce plusvalía para el capitalista o que trabaja por hacer rentable el capital”.¹³

São duas possíveis interpretações geradas pelas traduções que contêm o conectivo “ou” e as que não o contêm: ou Marx entende que há duas formas possíveis de o trabalho

Tendencias Mundiales del Empleo, International Labour Organization, Janeiro, 2008, p. 50 e 60: <http://www.oitbrasil.org.br/download/globaltrends2008.pdf>, consultado em 20/10/2008.

⁹ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Vol. I, Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Coleção: os economistas, p. 105.

¹⁰ Marx, Karl, 2001, *op. cit.*, p. 578

¹¹ MARX, Karl. *Capital: a critique of political economy*. Orlando: The Modern Library, s/d, p. 558.

¹² MARX, Karl. *Das Kapital: kritik der politischen ökonomie*. Germany: Alfred Kröner Verlag Stuttgart, 1957, p. 287.

¹³ MARX, Carlos. *El Capital: critica de la economia política*. Vol. I. 7ª Ed. México: Fondo de Cultura Economica, 1973, p. 426.

ser produtivo (1º- produzindo mais-valia; ou 2º- servindo à autovalorização do capital), ou a produção de mais-valia e a autovalorização do capital são a mesma coisa, e, portanto, só é produtivo o trabalho que *produz* mais-valia. Para a interpretação proposta por Lessa, é fundamental a exatidão da tradução da Abril Cultural que, como podemos verificar, parece estar correta.

Afirma o autor que o trabalhador proletário, o trabalhador manual, o operário, “produz e valoriza o capital” (produz diretamente mais-valia, produto excedente), mas que, entretanto, o assalariado somente “valoriza o capital” (não produz mais-valia, mas contribui para a apropriação, pelo capitalista que assalaria – por exemplo, um proprietário de escola privada –, de parcela dela). Assim, tanto o proletariado como os assalariados, sob certas condições,¹⁴ *podem ser trabalhadores produtivos*.

Outra questão polêmica na obra de Lessa é a interpretação que este dá a categoria marxiana de *trabalhador coletivo*. Com a socialização do processo de trabalho produz-se, no interior da oficina, uma divisão técnica do trabalho produtivo. O que passa a existir, a partir de então, é um coletivo de trabalhadores que cooperam entre si. Este corpo social combinado de trabalhadores constitui o que Marx define como trabalhador coletivo:

Enquanto o processo de trabalho é puramente individual, um único trabalhador exerce todas as funções que mais tarde se dissociam... O homem isolado não pode atuar sobre a natureza sem pôr em ação seus músculos sob o controle de seu cérebro. Fisiologicamente, cabeça e mãos são partes de um sistema; do mesmo modo, o processo de trabalho conjuga o *trabalho do cérebro e o das mãos*. Mais tarde, se separam e acabam por se tornar *hostilmente contrários*. O produto deixa de ser o resultado imediato da atividade do produtor individual para tornar-se produto social, comum, de um *trabalhador coletivo*, isto é, de uma *combinação* de trabalhadores, *podendo ser direta ou indireta a participação de cada um deles na manipulação do objeto sobre que incide o trabalho*.¹⁵

Por “podendo ser direta ou indireta a participação de cada um deles” – os trabalhadores – “na manipulação do objeto sobre que incide o trabalho”, poder-se-ia deduzir que do trabalhador coletivo fazem parte não apenas o trabalhador manual, mas

¹⁴ Somente será produtivo o assalariado pago com o capital variável, ou seja, que pelo capitalista é empregado com a finalidade de expandir o capital total adiantado ($c + v$), gerando uma mais-valia (m). Ver: MARX, Karl. *O Capital: capítulo VI (inédito)*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

¹⁵ MARX, Karl. op. cit., 2001, p. 577 – grifos meus.

também o trabalhador intelectual. *É disso que discorda decididamente Sérgio Lessa.*¹⁶ Na mesma citação ele enfatizará a oposição hostil – como aparece na tradução da Abril Cultural – entre o “trabalho intelectual” e o “trabalho manual”.¹⁷

Aqui começam as dificuldades da interpretação proposta por Sérgio Lessa. Isto porque, continuando a citação de Marx, temos: “A conceituação anterior de trabalho produtivo [...] continua válida para o trabalhador coletivo, considerado em conjunto. Mas não se aplica mais a cada um de seus membros, individualmente considerados”.¹⁸ Isto equivale a dizer que cada trabalhador – enquanto membro do trabalhador coletivo – é *trabalhador produtivo*; mas que, entretanto, quando tomados isoladamente, alguns serão produtivos e outros *não*. Se para Lessa somente os trabalhadores manuais são membros do trabalhador coletivo, quem seriam, então, os seus trabalhadores improdutivos?

Assim, em suma, os pontos mais polêmicos da interpretação de *O Capital* de Marx, contidas em *Trabalho e proletariado*, são o sentido que este dá às categorias *proletariado* e *trabalhador coletivo*.

O PROLETARIADO DE MARX SEGUNDO MARX

Todas as categorias com as quais Marx constrói sua teoria social são *categorias historicamente determinadas*. Não se tratam de conceitos estáticos ou tipologias. Cada categoria sua representa um processo histórico real e concreto. Entretanto, de um ponto de vista mais particular, cada categoria marxiana pode ser analisada, também, como uma categoria, ao mesmo tempo, social, econômica, ideológica e política.

O “proletariado”, por exemplo, enquanto fenômeno social, possui uma realidade histórica; tem história: é produto de um processo de gênese e de desenvolvimento que se articula com as “multiplas determinações” que conformam o real. Para entendê-lo enquanto uma categoria é preciso, primeiramente, compreender seu processo histórico de formação. No seu caso particular, este processo é brilhantemente teorizado em *O Capital*, no famoso

¹⁶ “... não há qualquer justificativa para, a partir da expressão ‘mais perto ou mais longe da manipulação do objeto de trabalho’ postular-se que o trabalhador intelectual faria parte do trabalhador coletivo”. LESSA, Sérgio. op. cit., p. 190 e 191.

¹⁷ MARX, Karl. op. cit., 1984, p. 105.

¹⁸ MARX, Karl. op. cit., 2001, p. 577.

capítulo XXIV: “A chamada acumulação primitiva”, que Lessa não toma para a sua leitura imanente.

Por “acumulação primitiva” poderíamos associar a “acumulação de capital” apenas. Mas o processo de acumulação de valores monetários e bens, por si só, não garante que haja o seu dispêndio na compra da força de trabalho (e, portanto, sua conversão em capital) a menos que este tenha, de antemão, se encarregado de criar as condições para que esta compra ocorresse. Desta forma, esta acumulação tem de ser, por um lado, acumulação de meios de produção e de subsistência transformados em capital, e, de outro, de uma massa crescente de seres humanos destituída dos meios de vida, e, portanto, obrigada a vender sua força de trabalho:

Duas espécies bem diferentes de possuidores de mercadorias têm de confrontar-se e entrar em contato: de um lado, o proprietário de dinheiro, de meios de produção e de meios de subsistência, empenhado em aumentar a soma de valores que possui, comprando a força de trabalho alheia; e, do outro os trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho e, portanto, de trabalho. Trabalhadores livres em dois sentidos, porque não são parte direta dos meios de produção... e porque não são donos dos meios de produção... O sistema capitalista pressupõe a dissociação entre os trabalhadores e a propriedade dos meios pelos quais realizam o trabalho... O processo que cria o sistema capitalista consiste apenas no processo que retira ao trabalhador a propriedade de seus meios de trabalho, um processo que transforma em capital os meios de subsistência e os de produção e converte em assalariados os produtores diretos. *A chamada acumulação primitiva é apenas o processo que dissocia o trabalhador dos meios de produção.*¹⁹

Mais à frente Marx dirá: “Marcam época, na história da acumulação primitiva, todas as transformações que servem de alavanca à classe capitalista em formação, sobretudo aqueles deslocamentos de grandes massas humanas, súbita e violentamente privadas de seus meios de subsistência e lançadas no mercado de trabalho como levas de *proletários* destituídos de direitos”²⁰ e acrescenta: “... o grande senhor feudal criou um *proletariado* incomparavelmente maior, usurpando as terras comuns e expulsando os camponeses das terras...”.²¹ Com estas passagens fica claro que por “proletariado” Marx está compreendendo o resultado de um processo histórico que torna uma massa da população

¹⁹ MARX, Karl. op. cit., 2001, p. 828 – grifos meus.

²⁰ Ibidem, p. 829 e 830 – grifo meu.

²¹ Ibidem, p. 831 e 832 – grifo meu.

destituída de meios de vida, obrigada a vender sua força de trabalho aos detentores dos meios de produção e de subsistência em troca de salário.²²

A mesma categoria de proletariado, ainda aí, pode ser tomada do ponto de vista social: trata-se de indivíduos cujas condições de existência social os tornam sujeitos à exploração capitalista. Mas Marx tomará o proletariado também do ponto de vista de uma categoria econômica, e é neste ponto de vista que Lessa se restringirá:

Por “proletariado” deve entender-se economicamente o assalariado que *produz e expande* o capital e é lançado à rua logo que se torna supérfluo às necessidades de expansão do “*monsieur capital*”, como o chama Pecqueur. “O proletário doentio da floresta virgem” não passa de uma curiosa fantasia de Roscher; o habitante da floresta virgem é *proprietário* dela e trata-a como sua propriedade, com a mesma liberdade de um orangotango. *Ele não é um proletário*, e só o seria se a floresta o explorasse, em vez de ser explorada por ele [...].²³

Percebemos que Marx continua a entender o proletariado, mesmo quando o toma do ponto de vista econômico, como a classe dos não-proprietários dos meios de produção e de subsistência. Nesta perspectiva econômica, um proletário é um “assalariado que produz e expande o capital”, mas somente se sujeitará a esta função se previamente existirem as condições que o coajam a realizá-la.

Mas cabe tomar a mesma categoria proletariado também do ponto de vista político. Dirá Marx em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, a respeito dos camponeses franceses de meados do século XIX – que advirto, *não* são proletários:

Os pequenos camponeses constituem uma imensa massa, cujos membros vivem em condições semelhantes mas sem estabelecerem relações multiformes entre si. Seu modo de produção os isola uns dos outros, em vez de criar entre eles um intercâmbio mútuo... Na medida em que milhões de famílias camponesas vivem em condições econômicas que as separam umas das outras e opõem o seu modo de vida, os seus interesses e sua cultura aos das outras classes da sociedade, este milhões constituem uma classe. Mas na medida em que existe entre os pequenos camponeses apenas uma ligação local e em que a similitude de seus interesses não cria entre eles comunidade

²² Engels, em 1847, definia o proletariado como “a classe que retira sua subsistência unicamente da venda de seu trabalho”, e mais à frente: “A classe dos que não possuem absolutamente nada, que são obrigados a vender aos burgueses seu trabalho, para receber em troca meios de subsistência necessários à sua manutenção”. ENGELS, Friedrich. “Princípios do Comunismo”. In: *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Vozes, 2001, Anexo, p. 103 e 105.

²³ MARX, Karl. op. cit., 2001, p. 717, nota 70. Lessa cita esta nota 70, na Edição da Abril Cultural, apenas: “Por ‘proletário’ só se deve entender economicamente o assalariado que produz e valoriza o ‘capital’ [...]” (MARX, Karl. *apud* LESSA, Sérgio. op. cit., p. 168) para afirmar que: “Apenas o proletariado ‘produz e valoriza o capital’. O professor apenas ‘valoriza’ o capital”. *Ibidem*, p. 168.

alguma, ligação nacional alguma, nem organização política, nessa medida não constituem uma classe.²⁴

O que torna os camponeses uma classe, segundo esta passagem, é o fato de suas condições econômicas estabelecerem um modo de vida, interesses e uma cultura similares em oposição a outras classes: constituem, deste ponto de vista, uma *classe-em-si*. Entretanto, ao não estabelecerem uma comunidade de interesses, nem organização política alguma, não constituem propriamente uma classe: não são uma *classe-para-si*.

O mesmo vale para todas as outras classes, inclusive para a do proletariado: o que une os diferentes proletários é a sua *condição proletária*: não são proprietários das condições objetivas de prover o seu próprio sustento e por isso têm que trabalhar por salário.²⁵ Entretanto, esta condição econômica e social de vida apenas estabelece a classe tomada *em si*, mas não *para si*. É esta articulação não-mecânica e não-imediata entre estrutura econômica e superestrutura ideológica e política que parece fugir a Lessa. O fato de seu “proletariado” (ou operariado) ocupar uma posição central na produção *não* o torna, de partida, a *classe revolucionária* como insistirá ao longo de seu livro.²⁶

Lessa ainda comete, do ponto de vista da interpretação global do texto de *O Capital*, outro equívoco ao excluir o trabalho intelectual (que ele reduz à concepção, direção, supervisão e, sobretudo, *controle* do processo produtivo) do trabalhador coletivo. Esta categoria de trabalho social, combinado, portanto, coletivo é introduzida por Marx na Parte Quarta: “A produção da mais-valia relativa” do Livro I de sua obra máxima. Nessa são teorizados três formas históricas de cooperação (ou de formas de trabalho coletivo) no modo de produção capitalista: *cooperação simples*, *manufatura* e *grande indústria mecanizada*. Na cooperação simples trata-se apenas de agrupar os antigos artesãos isolados numa mesma oficina; na manufatura a cooperação é realizada entre “trabalhadores parciais” que executam funções distintas na produção. Dirá Marx a seu respeito: “O

²⁴ MARX, Karl. op. cit., s/d, p. 277.

²⁵ “... Por proletariado, [entendemos] a classe dos trabalhadores assalariados modernos, que, não tendo meios de produção próprios, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver”. Esta é uma passagem de uma nota acrescentada por Engels à edição inglesa de 1888 do *Manifesto*: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*, 11ª Ed. Petrópolis, Vozes, 2001, p. 66, n. s/n.

²⁶ Se o proletariado é a classe operária, a classe que produz o “conteúdo material da riqueza”, então, somente ela consome o que produz, e ainda sustenta outras classes ditas “parasitárias”: assalariada e burguesa. Será este o argumento central de Lessa para afirmar: “Sumariamente: o proletariado, por ser a única classe rigorosamente não-parasitária da sociedade capitalista é ‘a classe cuja missão histórica é a derrubada do modo de produção capitalista e a abolição final das classes’.” LESSA, Sérgio. op. cit., p. 181.

mecanismo específico do período manufatureiro é o trabalhador coletivo, constituído de muitos trabalhadores parciais”.²⁷ Com a grande indústria a cooperação entre os trabalhadores passa a ser progressivamente substituída pela cooperação entre as máquinas. É a partir mesmo da cooperação simples, completando-se com a grande indústria, que o trabalho intelectual passará a se apresentar como hostil ao trabalho manual:

A divisão manufatureira do trabalho *opõe-lhes* [aos trabalhadores] as *forças intelectuais* do processo material de produção como propriedade de outrem e como poder que os *domina*. Esse processo de dissociação começa com a cooperação simples, em que o capitalista representa, diante do trabalhador isolado, a unidade e a vontade do *trabalhador coletivo*. Esse processo desenvolve-se na manufatura, que mutila o trabalhador, reduzindo-o a uma fração de si mesmo, e completa-se na indústria moderna, que faz da ciência uma força produtiva independente de trabalho, recrutando-a para servir o capital.²⁸

É a partir do que foi dito acima que Lessa insistirá em deixar o trabalho intelectual fora do trabalhador coletivo. Mas dirá Marx:

Todo trabalho diretamente social ou coletivo [*combined labour*], executado em grande escala, *exige*, com maior ou menor intensidade, uma *direção* [*authority*] que harmonize as atividades individuais e preencha as funções gerais ligadas ao movimento de todo o organismo produtivo [*the action of the combined organism*], que difere do movimento de seus órgãos isoladamente considerados... Essa função de dirigir [*work of directing*], superintender e mediar, assume-a o capital logo que o trabalho a ele subordinado se torna cooperativo.²⁹

Ora, todo o trabalho socialmente combinado, coletivo, necessita de uma coordenação que faça com que a atividade de cada trabalhador se desenvolva harmoniosamente em conjunto. Mas esta função ou trabalho de direção (*work of directing*) é, logo que se torna necessária, apropriada pelo capital. Assim a direção exercida pelo capitalista é, ao mesmo tempo, uma função que deriva da natureza do trabalho coletivo e uma função destinada “a explorar um processo de trabalho social”.³⁰

²⁷ MARX, Karl. op. cit., 2001, p. 403.

²⁸ Ibidem, p. 416 – grifos meus.

²⁹ MARX, Karl. op. cit., 2001, p. 384 – grifos meus. Entre colchetes, apresento algumas expressões da edição em inglês de *O Capital* (MARX, Karl. *Capital: a critique of political economy*. Orlando: The Modern Library, s/d.) que destoam da tradução em português que utilizo (MARX, Karl. op. cit. 2001.). No caso do *Manifesto do Partido Comunista*, cotejei as citações utilizadas com a edição em inglês da *International Publishers: “Manifesto of the Communist Party”*. In: *Karl Marx, Friedrich Engels: Collected Works*. New York: International Publishers, 1975, Vol. 6.

³⁰ MARX, Karl. op. cit., 2001, p. 384.

Com o desenvolvimento da acumulação de capital, o capitalista pôde abandonar as funções diretamente relacionadas ao processo produtivo, transferindo inclusive a sua direção a um “tipo especial de assalariados” que “comanda em nome do capital”:

De início, o capitalista em germe liberta-se do trabalho manual [*actual labour*] quando seu capital atinge aquela magnitude mínima em que começa a produção capitalista propriamente dita. Com o desenvolvimento, o capitalista se desfaz da função de [*the work of*] supervisão direta e contínua dos trabalhadores isolados e dos grupos de trabalhadores, entregando-a a um tipo especial de assalariados. Do mesmo modo que um exército, a massa de trabalhadores que trabalha em conjunto sob o comando do mesmo capital precisa de oficiais superiores (dirigentes, gerentes) e suboficiais (contramestres, inspetores, capatazes, feitores), que, durante o processo de trabalho comandam em nome do capital [...] o economista político... ao observar o modo de produção capitalista, identifica a função de direção [*work of control*] que *deriva da natureza do processo de trabalho coletivo* [*co-operative character of the labour-process*] com a que deriva do caráter capitalista do processo produtivo, do antagonismo entre patrão e trabalhador.³¹

Com estas passagens podemos tirar duas conclusões finais: 1º) a função de direção “deriva da natureza do processo de trabalho coletivo”, porém, 2º) sob o capitalismo esta função torna-se hostil aos trabalhadores. Por isso Marx diz: “O capitalista não é capitalista por ser dirigente industrial, mas ele tem o comando industrial porque é capitalista”.³² Se o trabalho de direção é inerente ao trabalhador coletivo, não se pode desse último excluir o trabalho intelectual, até mesmo quando adotamos o sentido restrito que dele tem Sérgio Lessa: concepção, controle, direção, e supervisão.

CONCLUSÃO

O que se percebe da “leitura imanente” posta em prática por Lessa do Livro I de *O Capital* é que esta, infelizmente, se degenerou em uma leitura seletiva da obra. Os dois únicos capítulos que Lessa adota como centro de sua leitura imanente são os capítulos V: “O processo de trabalho e o processo de produzir mais-valia” e XIV “Mais-valia absoluta e mais-valia relativa”. Entretanto, qualquer categoria exposta em *O Capital* de Marx não faz sentido se tomada isoladamente do contexto teórico geral da obra, e neste sentido é que podemos afirmar que a análise contida em *Trabalho e proletariado* procurou articular, sem sucesso,

³¹ Ibidem, p. 385 – grifos meus.

³² Ibidem, p. 385.

um conjunto de citações muitas vezes desconexas do Livro I de *O Capital*, a fim de sustentar as proposições expostas acima.

No que se refere à categoria proletariado não encontramos qualquer justificativa em *O Capital* para reduzi-la a operariado ou a trabalhadores manuais.³³ O ponto de partida de Lessa para tomar o “proletariado” por “classe operária” são duas proposições que ele procura a todo custo unificar: 1º) a de que as “classes sociais se diferenciam e se determinam mutuamente pelas respectivas inserções na estrutura produtiva”,³⁴ e 2º) de que “apenas o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária”.³⁵ Como harmonizar estas duas proposições, se por proletariado compreendermos todos os não-proprietários dos meios de produção e de subsistência e não apenas os trabalhadores que, ao transformar a natureza em valores de uso, “o conteúdo material da riqueza”, ocupam uma posição central na produção material da sociedade?

É por isso que foi proposto que a categoria classe social pudesse ser compreendida como uma categoria – ao mesmo tempo, e dialeticamente – histórica, social, econômica e política. Tomando o conjunto das obras de Marx, estou convicto de que é mais adequado se ater ao processo de formação e de desenvolvimento histórico das classes, tomando-as como categorias históricas, e que, por outro lado, ao reduzir o proletariado apenas ao seu núcleo central, à classe operária, Lessa produz complicações desnecessárias não somente científico-teóricas, mas sobretudo políticas, ao movimento das classes trabalhadoras.

³³ No *Manifesto* temos: “... a burguesia não forjou apenas as armas que lhe trarão a morte; produziu também os homens que empunharão essas armas – os operários modernos, *os proletários [the modern working class – the modern workers, the proletariat]*” MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. op. cit., 2001, p. 72. E mais à frente: “*O proletariado é sem propriedade...*” (Ibidem., p. 76 – grifos meus). A questão posta por estas passagens é: no século XIX, proletariado e operariado podiam ser tomados como sinônimos, entretanto, o mesmo vale para o século XXI?

³⁴ LESSA, Sérgio. op. cit., p. 178.

³⁵ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. op. cit., 2001, p. 75.